

Atualização de normas

BFP

Bateria Fatorial de Personalidade

Carlos H. S. S. Nunes
Claudio S. Hutz
Maiana F. O. Nunes

Atualização de normas

BFP

Bateria Fatorial de Personalidade

Carlos Henrique S. S. Nunes

Claudio Simon Hutz

Maiana Farias Oliveira Nunes

Organização Editorial: Cibelle Seiberlick Caivalos
Diagramação: Valena Hennies Lauand
Capa: Tiago Sangiuliano

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra para qualquer finalidade. Todos os direitos reservados.

Editora Hogrefe CETEPP
Rua Barão do Triunfo, 73 – 7º andar – Brooklin Paulista
04602-000 São Paulo SP – Brasil
Fone: 11 3900-1670
www.hogrefe.com.br
E-mail: contato@hogrefe.com.br

Copyright ©2025 por Editora Hogrefe CETEPP

Sumário

1	Revisão das Normas da Bateria Fatorial de Personalidade (BFP)	5
2	Estudo de equivalência entre a versão lápis e papel e informatizada da BFP	8
3	Informações gerais para interpretação dos escores da BFP	15
	Referências	17

Revisão das Normas da Bateria Fatorial de Personalidade (BFP)

A Bateria Fatorial de Personalidade (BFP) é um instrumento psicológico construído para a avaliação da personalidade a partir do modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF), que inclui as dimensões: Extroversão, Socialização, Realização, Neuroticismo e Abertura a experiências. A bateria foi desenvolvida no Brasil, levando em conta a linguagem falada no país, os valores culturais, as diversidades regionais e especificidades dos quadros clínicos na nossa realidade. Essas características, portanto, diferenciam a BFP de outros instrumentos para a avaliação da personalidade desenvolvidos em outros países e adaptados para o Brasil.

A BFP foi elaborada a partir da seleção dos itens com as melhores propriedades psicométricas das escalas individuais para a avaliação dos cinco fatores, a saber: a Escala Fatorial de Neuroticismo (Hutz & Nunes, 2001), a de Extroversão (Nunes & Hutz, 2007a), a de Socialização (Nunes & Hutz, 2007b), a de Abertura e a de Realização. Pesquisas utilizando a BFP vem sendo realizadas em vários contextos e seus resultados estão disponibilizados por meio de artigos em revistas científicas da área.

Encontram-se na literatura nacional e internacional (Jain, Blais, Otto, Hirshfeld & Sachs, 1999; Trull & McCrae, 2002; Widiger & Frances, 2002; Widiger, Trull, Clarkin, Sanderson & Costa, 2002; Cassito, Fattorini, Gilioli, Rengo & Gonik, 2003; Ross, Rausch & Canada, 2003; Laak et al., 2003; Bozionelos, 2004; Friborg, Barlaug, Martinussen, Rosenvinge & Hjemdal, 2005; Saito, Nakamura & Endo, 2005; Ghorbani & Watson, 2005; Ávila & Stein, 2006; Yoshida, 2006; Maciel & Yoshida, 2006; Nunes, Nunes & Hutz, 2006; Joly, Nunes & Istome, 2007¹; Ohi et al., 2016; Sutin et al., 2016; Bucher et al., 2019; Bagby et al., 2016; Cooper et al., 2013; Martincin & Stead, 2015; Samuel & Widiger, 2008) pesquisas que indicam a utilidade de instrumentos para a avaliação da personalidade no modelo dos Cinco Grandes Fatores para:

1. Pesquisa
2. Avaliações clínicas e psicodiagnóstico
3. Avaliações no contexto da psicologia do trabalho e organizacional
4. Avaliações de triagem em instituições de saúde
5. Avaliações de indicadores médicos
6. Orientação profissional
7. Psicologia forense
8. Psicologia escolar e educacional
9. Avaliação neuropsicológica

A capacidade de replicação do modelo dos Cinco Grandes Fatores é um dos pilares mais robustos para sua proposição e manutenção ao longo das décadas, incluindo indicação para sua universalidade (Allik & Realo, 2017). De fato, as evidências empíricas somente fortalecem mais a recomendação para seu uso (e.g., Widiger & Crego, 2019), o que possivelmente explica o uso heterogêneo desse modelo. Exemplos² disso incluem aplicações na medicina (Luchetti et al., 2014; Sutin et al., 2016b), neurociências (Allen & DeYoung, 2017), estudos com bem-estar (Ratchford et al., 2022) e alienação parental (Bernet & Greenhill, 2022).

A normatização de um teste se refere a transformação de resultados brutos em escores padronizados, considerando a distribuição da população em relação à tarefa executada, possibilitando inferências e comparações. A BFP é uma escala composta por escores referentes a domínios mais amplos e também facetas mais específicas. Nós empregamos o procedimento referente à norma para a BFP, isto é, a transformação dos resultados brutos a partir de uma comparação probabilística, utilizando como base um grupo normativo.

¹ Tais pesquisas são oportunamente discutidas nas seções referentes à apresentação dos fatores ou na interpretação dos resultados da BFP neste guia.

² Outras aplicações relevantes, incluindo diversas metanálises, podem ser observadas no parágrafo apresentado anteriormente, indicando aplicações gerais do modelo.

Correção da Bateria Fatorial de Personalidade

O levantamento dos escores brutos da BFP é iniciado pelo cálculo dos resultados de cada faceta e, a seguir, dos fatores. Esse levantamento envolve muitos cálculos e deve ser feito no sistema informatizado disponibilizado pela Editora Hogrefe. Esse sistema de correção informatizada fornece ao psicólogo os resultados de cada indivíduo, apresentando para cada faceta os escores brutos e pontos percentílicos, além de uma síntese de interpretação de cada fator avaliado.

De modo geral, os escores da BFP, dimensões e facetas, são calculados a partir da soma dos itens. Em alguns casos, a pontuação do item é invertida, pois o conteúdo do item é invertido, vai na direção contrária (em termos de construto) em relação aos demais itens que compõem o mesmo escore.

Conversão Para Pontos Percentílicos

Os escores brutos calculados nas dimensões da BFP e suas facetas são transformados em escores percentílicos, para que possam ser adequadamente interpretados. Os pontos percentílicos representam a posição relativa da pessoa avaliada em relação a um grupo de referência. Assim, por exemplo, se uma pessoa apresenta um percentil 90 em Neuroticismo, significa que ela tem um nível desse fator superior a 90% das pessoas avaliadas e descritas na tabela usada. Se outra pessoa avaliada apresenta um percentil 50, ela tem um resultado superior a 50% das pessoas consideradas na tabela escolhida. Quando os resultados de um construto apresentam uma distribuição normal, o percentil 50 coincide com a média encontrada para o grupo avaliado. Uma descrição mais detalhada de como devem ser usados os resultados em pontos percentílicos será apresentada na seção “Interpretação dos resultados”.

A tabela a ser usada deve ser escolhida de acordo com o perfil das pessoas avaliadas (i.e., geral, sexo, faixa etária, região geográfica no país e nível de escolaridade). Nossa escolha por apresentar tabelas específicas para grupos (e.g., região geográfica e sexo) é baseada em análises para verificar a presença de differential item functioning (DIF) ou invariância entre grupos. O DIF pressupõe que diferenças nos grupos são refletidas no construto, o que geralmente não é desejável, pois pode privilegiar ou prejudicar um grupo na avaliação conduzida (Linacre, 2011). Isto é, o DIF indica a presença de diferenças entre os grupos que não são derivadas do construto avaliado, mas ocorrem pelo impacto de variáveis externas (e.g., sexo).

Partindo do critério proposto por Draba (1977), nós observamos a presença de DIF para itens da BFP de acordo com as variáveis (de grupo) sexo, faixa etária, região geográfica no país e nível de escolaridade³. Por isso, foram geradas tabelas específicas para esses grupos, para além de uma tabela normativa geral. Além disso, vale ressaltar que a lógica de apresentação das normas da BFP por grupos (e.g., sexo e região geográfica) também está presente nas normas originais da escala. A verificação por DIF, tal qual mencionada aqui, com a presente amostra, confirmou a necessidade das diferenciações pelos grupos de acordo com as quatro informações demográficas.

Estudo de Atualização das normas da Bateria Fatorial de Personalidade

As normas foram geradas a partir de um banco de dados composto por 87145 adultos. Esses dados foram coletados entre janeiro de 2022 e setembro do mesmo ano. A Tabela 1.1 apresenta as estatísticas descritivas da amostra normativa. Tal qual podemos observar, há um equilíbrio entre mulheres e homens na amostra, variabilidade quanto o nível de escolaridade, faixa etária e representantes das cinco regiões geopolíticas do Brasil.

Além da tabela, apresentamos a Figura 1.1, reportando o número de pessoas para cada idade representada na amostra. Na figura é possível observar que, por um lado, praticamente todas as idades contempladas apresentam tamanho amostral igual ou superior a 100, embora algumas idades (i.e., entre 68 e 75) apresentem tamanhos amostrais menores.

A correção da BFP é realizada exclusivamente por meio do sistema informatizado HTS, que já incorpora as normas atualizadas aprovadas pelo SATEPSI. Por essa razão, este material não apresenta tabelas de conversão entre escores brutos e percentis, uma vez que essas informações são processadas e disponibilizadas diretamente pela plataforma.

Conforme estabelece a Resolução CFP nº 31/2022, as normas atualizadas devem ser disponibilizadas ao profissional da Psicologia por meio de mecanismos definidos pelos autores e responsáveis técnicos do instrumento.

³ As tabelas com os resultados do DIF estão apresentadas em um arquivo independente deste manual – trata-se de uma pasta com subpastas. Cada subpasta é composta por arquivos .txt que apresentam as tabelas com os resultados completos das análises DIF. Cada subpasta se refere a uma variável sociodemográfica considerada para o DIF (e.g., sexo biológico). Cada análise DIF tem uma tabela representativa. Por exemplo, para variável sexo biológico são cinco tabelas independentes, cada uma para um domínio amplo da BFP. Cada tabela deve ser interpretada a partir dos critérios de Draba (1977), isto é, valores iguais ou superiores a 2,4 de *t* indicam que o item apresenta DIF. Valores inferiores indicam a presença de DIF. Tal qual descrito, encontramos um número substancial de DIF para todas as variáveis sociodemográficas.

A decisão de não incluir as normas no material impresso visa reforçar a segurança no uso do teste, prevenindo tanto o acesso indevido por pessoas não psicólogas quanto a divulgação não autorizada das tabelas normativas, o que poderia comprometer a validade dos resultados — especialmente em contextos como concursos públicos, processos seletivos ou avaliações clínicas.

Tabela 1.1.
Informações descritivas da amostra normativa (N = 87.145)

		N	%
Sexo	Feminino	39470	45,3
	Masculino	47675	54,7
Escolaridade	Ensino Fundamental	4904	5,6
	Ensino Médio e Técnico	37742	43,3
	Ensino superior e pós-graduação	44499	51,1
Região em que reside	Norte	5192	6,0
	Centro-oeste	7858	9,0
	Sul	25646	29,4
	Sudeste	34708	39,8
	Nordeste	13373	15,3
Idade*	18 a 75 anos (M = 33,1; DP = 11)		

Nota. * jovens adultos (18 e 19 anos; n = 6.769); adultos (20 a 59 anos; n = 78.528); idosos (60 a 75 anos; n = 1.848).

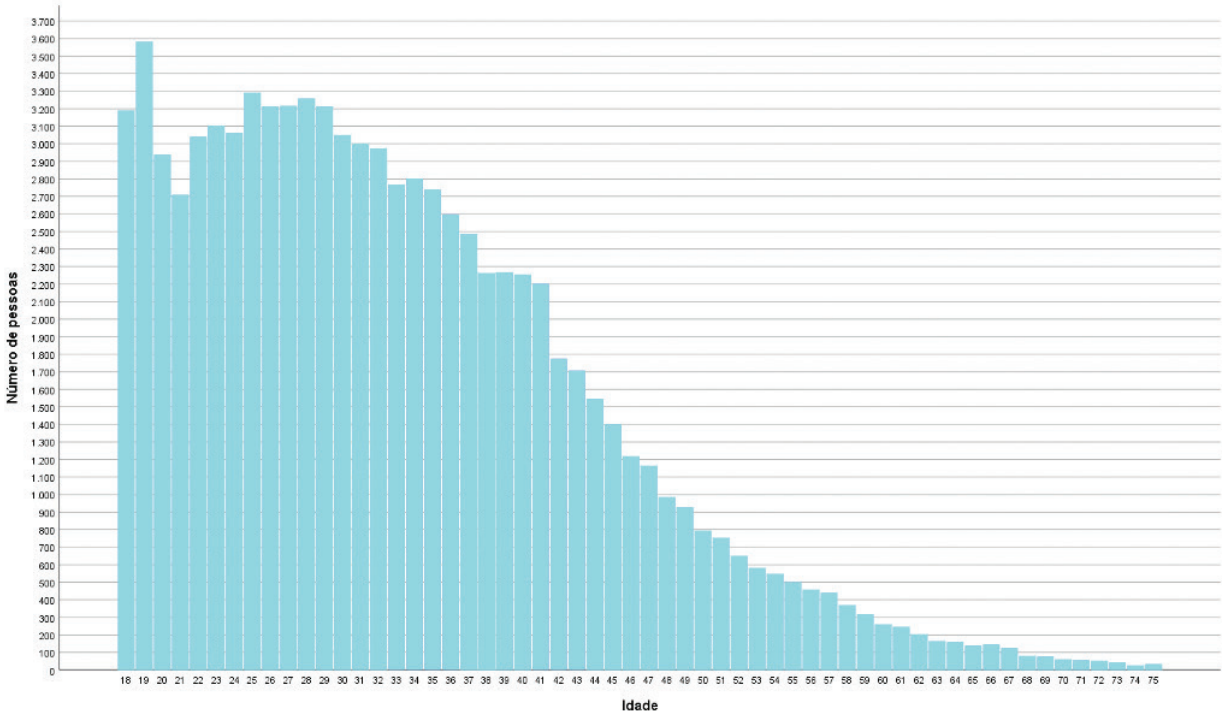


Figura 1.1.
Detalhamento apresentado o número de pessoas de acordo com a idade.

Estudo de equivalência entre a versão lápis e papel e informatizada da BFP

Diferenças entre a aplicação tradicional, lápis e papel, e a aplicação informatizada de testes psicológicos são debatidas e, sobretudo, empiricamente investigadas há décadas. Considerando especificamente testes de autorrelato que avaliam traços de personalidade e construtos relacionados (e.g., autoestima), diferenças entre as versões para aplicação não foram encontradas (e.g., Biskin & Kolotkin, 1977; Pinsoneault, 1996; Vispoel, 2000; Vispoel, Boo & Bleiler, 2001; Vosylis, Malinauskienė & Zukauskienė, 2012). Além disso, Hertel, Naumann, Konradt e Batinic (2002) encontraram qualidades psicométricas tão boas em instrumentos informatizados para avaliação de traços da personalidade quanto nos casos de aplicação lápis e papel. Também já foi investigado se a leitura nos distintos formatos, lápis e papel e informatizado, poderia trazer diferenças nos escores, mas esse efeito não foi encontrado (eg., Al-Amri, 2007); similar, também em relação à desejabilidade social nas aplicações distintas, não foram encontradas diferenças, de acordo com a metanálise realizada por Richamn et al (1999).

De acordo com a literatura na área, nós não esperamos encontrar diferenças entre versões informatizadas e lápis e papel para escalas de personalidade cuja natureza é o autorrelato. Apesar disso, nós conduzimos um estudo para investigar se a equivalência prévia, reportada na literatura para outras escalas de autorrelato, também é encontrada para a BFP.

Para testar a equivalência entre as versões lápis e papel e informatizada da BFP, nós utilizamos um banco de dados composto por 436 sujeitos, sendo que metade ($n = 218$) da amostra respondeu à versão tradicional da BFP e a outra metade, à versão informatizada. Quanto à amostra que respondeu à versão lápis e papel, a idade variou entre 16 e 59 anos ($M = 28,7$; $DP = 8,7$), sendo a maioria do sexo feminino (63,8%) e cuja prevalência da escolaridade foi ensino superior completo (54,4%) e incompleto (30,7%). No que tange à amostra que respondeu à versão informatizada, a idade também variou entre 16 e 59 anos, com média e desvio padrão iguais à outra metade da amostra. Além disso, a

distribuição quanto ao sexo e escolaridade também foram idênticas. Por último, vale salientar que nas duas metades da amostra, participantes de todas as regiões do país e de praticamente todos os estados foram incluídos.

As análises realizadas para verificação da equivalência buscaram responder à pergunta “justificam-se tabelas normativas separadas com base no formato (i.e., lápis e papel x informatizado) para os escores da BFP?”. Em outras palavras, responder via lápis e papel ou responder via informatizada altera o escore do respondente? Sendo essa a pergunta, as análises que comparam médias (e.g., teste t) não são apropriadas, já que elas assumem que diferenças entre grupos são reais e derivadas do construto. No nosso caso, queremos investigar a presença de diferenças não reais entre os grupos, isto é, diferenças que são em função do grupo (ou de um fator externo, como o tipo de aplicação) e impactam o construto. Por isso, em casos em que um fator externo impacta os escores, duas pessoas pertencentes a grupos diferentes podem ter escores diferentes no teste, quanto realmente têm o mesmo nível no construto latente.

Para verificar diferenças que não são reais entre os grupos, mas sim em função de variáveis externas, as quais não se deseja que impactem o construto, nós podemos verificar o *differential item functioning* (DIF) ou verificar se há invariância entre grupos. A comparação entre médias pressupõe que diferenças no construto são refletidas nas médias dos grupos, enquanto o DIF pressupõe que diferenças nos grupos são refletidas no construto. Este último caso geralmente não é desejável. Para esta investigação, nós investigamos a presença de DIF nos itens da BFP.

De acordo com Linacre (2011), a presença de DIF indica que um grupo de respondentes está sendo beneficiado ao responder o teste em relação aos respondentes de outro grupo. Em outras palavras, o DIF indica a presença de diferenças entre os grupos que não são derivadas do construto avaliado, mas ocorrem pelo impacto de variáveis externas (e.g., sexo, idade). Utilizamos como critério a proposta

de Draba (1977), que estabelece a presença de DIF em itens cuja diferença entre as dificuldades dos itens refletem um escore t superior a 2,4.

Antes de proceder à verificação do DIF, realizada via software Winsteps versão 3.69.1, nós verificamos a unidimensionalidade dos escores da BFP e o funcionamento das categorias de resposta dos itens. Como resultado, não foi encontrado nenhum resíduo superior a 2 (Linacre, 2011) e

todas as categorias apresentaram funcionamento adequado (i.e., sem sobreposição total e na ordem esperada para as categorias). Por isso, todas as análises puderam ser adequadamente realizadas com base no modelo de Rasch. As Figuras 2.1, 2.2, 2.3, 2.4 e 2.5 apresentam o resultado da análise de DIF para todos os itens da BFP de acordo com suas dimensões.

Tabela 2.1.

Verificação de DIF para itens de Extroversão

Grupo	Theta 1	Grupo	Theta 2	Diferença DIF	E.P.	t	p	Item
1	-0,04	2	0,10	-0,13	0,06	-2,08	0,03	3
2	0,10	1	-0,04	0,13	0,06	2,08	0,03	3
1	0,22	2	0,34	-0,12	0,06	-1,82	0,06	5
2	0,34	1	0,22	0,12	0,06	1,82	0,06	5
1	-0,50	2	-0,50	0,00	0,07	0,00	1,00	8
2	-0,50	1	-0,50	0,00	0,07	0,00	1,00	8
1	-0,47	2	-0,59	0,12	0,08	1,58	0,11	11
2	-0,59	1	-0,47	-0,12	0,08	-1,58	0,11	11
1	0,16	2	0,30	-0,14	0,06	-2,18	0,03	14
2	0,30	1	0,16	0,14	0,06	2,18	0,03	14
1	-0,03	2	0,04	-0,07	0,06	-1,09	0,27	17
2	0,04	1	-0,03	0,07	0,06	1,09	0,27	17
1	-0,58	2	-0,74	0,16	0,08	1,96	0,05	21
2	-0,74	1	-0,58	-0,16	0,08	-1,96	0,05	21
1	-0,09	2	-0,18	0,10	0,07	1,46	0,14	26
2	-0,18	1	-0,09	-0,10	0,07	-1,46	0,14	26
1	-0,34	2	-0,24	-0,10	0,07	-1,51	0,13	32
2	-0,24	1	-0,34	0,10	0,07	1,51	0,13	32
1	0,09	2	0,05	0,04	0,06	0,65	0,51	38
2	0,05	1	0,09	-0,04	0,06	-0,65	0,51	38
1	-0,33	2	-0,53	0,20	0,07	2,81	0,01	47
2	-0,53	1	-0,33	-0,20	0,07	-2,81	0,01	47
1	0,03	2	0,03	0,00	0,06	0,00	1,00	50
2	0,03	1	0,03	0,00	0,06	0,00	1,00	50
1	0,22	2	0,22	0,00	0,06	0,00	1,00	52
2	0,22	1	0,22	0,00	0,06	0,00	1,00	52
1	0,41	2	0,22	0,18	0,06	2,88	0,01	66
2	0,22	1	0,41	-0,18	0,06	-2,88	0,01	66
1	-0,10	2	-0,10	0,00	0,07	0,00	1,00	71
2	-0,10	1	-0,10	0,00	0,07	0,00	1,00	71
1	0,90	2	1,12	-0,22	0,08	-2,87	0,01	78

continua

Grupo	Theta 1	Grupo	Theta 2	Diferença DIF	E.P.	t	p	Item
2	1,12	1	0,90	0,22	0,08	2,87	0,01	78
1	-0,27	2	-0,19	-0,07	0,07	-1,10	0,27	90
2	-0,19	1	-0,27	0,07	0,07	1,10	0,27	90
1	0,62	2	0,62	0,00	0,07	0,00	1,00	93
2	0,62	1	0,62	0,00	0,07	0,00	1,00	93
1	-0,48	2	-0,48	0,00	0,07	0,00	1,00	97
2	-0,48	1	-0,48	0,00	0,07	0,00	1,00	97
1	0,74	2	0,79	-0,05	0,07	-0,72	0,46	99
2	0,79	1	0,74	0,05	0,07	0,72	0,46	99
1	-0,17	2	-0,30	0,14	0,07	2,00	0,04	105
2	-0,30	1	-0,17	-0,14	0,07	-2,00	0,04	105
1	-0,01	2	-0,14	0,13	0,07	1,99	0,04	108
2	-0,14	1	-0,01	-0,13	0,07	-1,99	0,04	108
1	0,17	2	0,39	-0,22	0,06	-3,44	0,01	111
2	0,39	1	0,17	0,22	0,06	3,44	0,1	111
1	-0,36	2	-0,39	0,02	0,07	0,29	0,77	117
2	-0,39	1	-0,36	-0,02	0,07	-0,29	0,77	117
1	0,23	2	0,19	0,05	0,06	0,71	0,47	120
2	0,19	1	0,23	-0,05	0,06	-0,71	0,47	120

Nota. Theta 1 = theta do primeiro grupo comparado com o theta do segundo grupo; Theta 2 = theta do segundo grupo comparado com o theta do primeiro grupo; E.P. = erro padrão.

Tabela 2.2.

Verificação de DIF para itens de Neuroticismo

Grupo	Theta 1	Grupo	Theta 2	Diferença DIF	E.P.	t	p	Item
1	-0,42	2	-0,42	0,00	0,06	0,00	1,0000	13
2	-0,42	1	-0,42	0,00	0,06	0,00	1,0000	13
1	-0,11	2	-0,16	0,05	0,07	0,70	0,4873	16
2	-0,16	1	-0,11	-0,05	0,07	-0,70	0,4873	16
1	-0,45	2	-0,33	-0,12	0,06	-1,90	0,0585	22
2	-0,33	1	-0,45	0,12	0,06	1,90	0,0585	22
1	0,11	2	-0,02	0,14	0,07	1,93	0,0543	25
2	-0,02	1	0,11	-0,14	0,07	-1,93	0,0543	25
1	0,25	2	0,25	0,00	0,08	0,00	1,0000	29
2	0,25	1	0,25	0,00	0,08	0,00	1,0000	29
1	-0,19	2	-0,22	0,02	0,07	0,32	0,7464	35
2	-0,22	1	-0,19	-0,02	0,07	-0,32	0,7464	35
1	-0,27	2	-0,22	-0,04	0,06	-0,68	0,4949	37
2	-0,22	1	-0,27	0,04	0,06	0,68	0,4949	37
1	0,57	2	0,57	0,00	0,09	0,00	1,0000	40

continua

Grupo	Theta 1	Grupo	Theta 2	Diferença DIF	E.P.	t	p	Item
2	0,57	1	0,57	0,00	0,09	0,00	1,0000	40
1	0,68	2	0,77	-0,09	0,10	-0,88	0,3778	48
2	0,77	1	0,68	0,09	0,10	0,88	0,3778	48
1	-0,21	2	-0,21	0,00	0,07	0,00	1,0000	51
2	-0,21	1	-0,21	0,00	0,07	0,00	1,0000	51
1	0,04	2	-0,03	0,07	0,07	1,04	0,2984	55
2	-0,03	1	0,04	-0,07	0,07	-1,04	0,2984	55
1	-0,13	2	-0,24	0,11	0,07	1,73	0,0840	60
2	-0,24	1	-0,13	-0,11	0,07	-1,73	0,0840	60
1	-0,32	2	-0,27	-0,05	0,06	-0,73	0,4656	65
2	-0,27	1	-0,32	0,05	0,06	0,73	0,4656	65
1	0,63	2	0,63	0,00	0,10	0,00	1,0000	70
2	0,63	1	0,63	0,00	0,10	0,00	1,0000	70
1	-0,07	2	-0,02	-0,05	0,07	-0,73	0,4669	73
2	-0,02	1	-0,07	0,05	0,07	0,73	0,4669	73
1	-0,44	2	-0,44	0,00	0,06	0,00	1,0000	75
2	-0,44	1	-0,44	0,00	0,06	0,00	1,0000	75
1	-0,20	2	-0,20	0,00	0,07	0,00	1,0000	77
2	-0,20	1	-0,20	0,00	0,07	0,00	1,0000	77
1	-0,50	2	-0,50	0,00	0,06	0,00	1,0000	79
2	-0,50	1	-0,50	0,00	0,06	0,00	1,0000	79
1	0,27	2	0,15	0,13	0,08	1,68	0,0938	82
2	0,15	1	0,27	-0,13	0,08	-1,68	0,0938	82
1	0,03	2	0,11	-0,07	0,07	-1,05	0,2956	86
2	0,11	1	0,03	0,07	0,07	1,05	0,2956	86
1	-0,16	2	-0,16	0,00	0,07	0,00	1,0000	89
2	-0,16	1	-0,16	0,00	0,07	0,00	1,0000	89
1	-0,23	2	-0,03	-0,20	0,07	-2,92	0,0036	95
2	-0,03	1	-0,23	0,20	0,07	2,92	0,0036	95
1	0,26	2	0,13	0,12	0,07	1,66	0,0971	100
2	0,13	1	0,26	-0,12	0,07	-1,66	0,0971	100
1	-0,05	2	-0,05	0,00	0,07	0,00	1,0000	102
2	-0,05	1	-0,03	0,00	0,07	0,00	1,0000	102
1	0,98	2	1,21	-0,23	0,13	-1,72	0,0854	106
2	1,21	1	0,98	0,23	0,13	1,72	0,0854	106
1	-0,19	2	-0,02	-0,16	0,07	-2,38	0,0176	110
2	-0,02	1	-0,19	0,16	0,07	2,38	0,0176	110
1	-0,57	2	-0,52	-0,05	0,06	-0,80	0,4227	118
2	-0,52	1	-0,57	0,05	0,06	0,80	0,4227	118
1	0,49	2	0,30	0,19	0,08	2,28	0,0228	121
2	0,30	1	0,49	-0,19	0,08	-2,28	0,0228	121
1	0,06	2	0,06	0,00	0,07	0,00	1,0000	124
2	0,06	1	0,06	0,00	0,07	0,00	1,0000	124

Nota. Theta 1 = theta do primeiro grupo comparado com o theta do segundo grupo; Theta 2 = theta do segundo grupo comparado com o theta do primeiro grupo; E.P. = erro padrão.

Tabela 2.3.

Verificação de DIF para itens de Socialização

Grupo	Theta 1	Grupo	Theta 2	Diferença DIF	E.P.	t	p	Item
1	-0,53	2	-0,45	-0,08	0,10	-0,79	0,4327	2
2	-0,45	1	-0,53	0,08	0,10	0,79	0,4327	2
1	0,32	2	0,46	-0,13	0,06	-2,07	0,0391	4
2	0,46	1	0,32	0,13	0,06	2,07	0,0391	4
1	0,53	2	0,53	0,00	0,06	0,00	1,0000	7
2	0,53	1	0,53	0,00	0,06	0,00	1,0000	7
1	0,31	2	0,31	0,00	0,07	0,00	1,0000	10
2	0,31	1	0,31	0,00	0,07	0,00	1,0000	10
1	-0,57	2	-0,59	0,02	0,11	0,19	0,8496	12
2	-0,59	1	-0,57	-0,02	0,11	-0,19	0,8496	12
1	0,05	2	0,00	0,05	0,07	0,61	0,5420	15
2	0,00	1	0,05	-0,05	0,07	-0,61	0,5420	15
1	-0,51	2	-0,53	0,02	0,10	0,21	0,8342	18
2	-0,53	1	-0,51	-0,02	0,10	-0,21	0,8342	18
1	0,11	2	0,11	0,00	0,07	0,00	1,0000	20
2	0,11	1	0,11	0,00	0,07	0,00	1,0000	20
1	-0,13	2	-0,13	0,00	0,08	0,00	1,0000	24
2	-0,13	1	-0,13	0,00	0,08	0,00	1,0000	24
1	-0,04	2	-0,04	0,00	0,08	0,00	1,0000	27
2	-0,04	1	-0,04	0,00	0,08	0,00	1,0000	27
1	0,75	2	0,75	0,00	0,06	0,00	1,0000	30
2	0,75	1	0,75	0,00	0,06	0,00	1,0000	30
1	-0,19	2	-0,16	-0,02	0,08	-0,28	0,7810	39
2	-0,16	1	-0,19	0,02	0,08	0,28	0,7810	39
1	-0,34	2	-0,48	0,14	0,10	1,43	0,1538	43
2	-0,48	1	-0,34	-0,14	0,10	-1,43	0,1538	43
1	-0,58	2	-0,47	-0,11	0,10	-1,08	0,2810	46
2	-0,47	1	-0,58	0,11	0,10	1,08	0,2810	46
1	-0,03	2	-0,03	0,00	0,08	0,00	1,0000	57
2	-0,03	1	-0,03	0,00	0,08	0,00	1,0000	57
1	-0,37	2	-0,31	-0,06	0,09	-0,66	0,5086	61
2	-0,31	1	-0,37	0,06	0,09	0,66	0,5086	61
1	0,22	2	0,22	0,00	0,07	0,00	1,0000	63
2	0,22	1	0,22	0,00	0,07	0,00	1,0000	63
1	0,69	2	0,77	-0,07	0,06	-1,22	0,2221	68
2	0,77	1	0,69	0,07	0,06	1,22	0,2221	68
1	-0,02	2	-0,14	0,12	0,08	1,49	0,1370	76
2	-0,14	1	-0,02	-0,12	0,08	-1,49	0,1370	76
1	-0,91	2	-0,99	0,08	0,14	0,59	0,5572	87
2	-0,99	1	-0,91	-0,08	0,14	-0,59	0,5572	87
1	0,33	2	0,33	0,00	0,07	0,00	1,0000	92
2	0,33	1	0,33	0,00	0,07	0,00	1,0000	92

continua

Grupo	Theta 1	Grupo	Theta 2	Diferença DIF	E.P.	t	p	Item
1	0,26	2	0,17	0,09	0,07	1,25	0,2125	96
2	0,17	1	0,26	-0,09	0,07	-1,25	0,2125	96
1	0,46	2	0,38	0,07	0,06	1,15	0,2507	98
2	0,38	1	0,46	-0,07	0,06	-1,15	0,2507	98
1	-0,24	2	-0,11	-0,13	0,08	-1,52	0,1297	104
2	-0,11	1	-0,24	0,13	0,08	1,52	0,1297	104
1	0,33	2	0,33	0,00	0,07	0,00	1,0000	107
2	0,33	1	0,33	0,00	0,07	0,00	1,0000	107
1	-0,26	2	-0,49	0,23	0,09	2,40	0,0139	109
2	-0,49	1	-0,26	-0,23	0,09	-2,40	0,0139	109
1	-0,02	2	0,04	-0,06	0,08	-0,85	0,3974	119
2	0,04	1	-0,02	0,06	0,08	0,85	0,3974	119
1	0,46	2	0,53	-0,07	0,06	-1,16	0,2485	125
2	0,53	1	0,46	0,07	0,06	1,16	0,2485	125

Nota. Theta 1 = theta do primeiro grupo comparado com o theta do segundo grupo; Theta 2 = theta do segundo grupo comparado com o theta do primeiro grupo; E.P. = erro padrão.

Tabela 2.4.

Verificação de DIF para itens de Realização

Grupo	Theta 1	Grupo	Theta 2	Diferença DIF	E.P.	t	p	Item
1	0,08	2	0,04	0,05	0,07	0,64	0,5247	9
2	0,04	1	0,08	-0,05	0,07	-0,64	0,5247	9
1	0,02	2	0,29	-0,27	0,07	-3,84	0,0001	19
2	0,29	1	0,02	0,27	0,07	3,84	0,0001	19
1	0,21	2	0,21	0,00	0,07	0,00	1,0000	28
2	0,21	1	0,21	0,00	0,07	0,00	1,0000	28
1	-0,43	2	-0,57	0,14	0,10	1,43	0,1545	34
2	-0,57	1	-0,43	-0,14	0,10	-1,43	0,1545	34
1	0,49	2	0,23	0,25	0,07	3,81	0,0002	41
2	0,23	1	0,49	-0,25	0,07	-3,81	0,0002	41
1	-0,31	2	-0,20	-0,11	0,09	-1,27	0,2034	45
2	-0,20	1	-0,31	0,11	0,09	1,27	0,2034	45
1	-0,20	2	-0,41	0,21	0,09	2,40	0,0164	54
2	-0,41	1	-0,20	-0,21	0,09	-2,40	0,0164	54
1	0,21	2	0,21	0,00	0,07	0,00	1,0000	58
2	0,21	1	0,21	0,00	0,07	0,00	1,0000	58
1	-0,69	2	-0,69	0,00	0,11	0,00	1,0000	64
2	-0,69	1	-0,69	0,00	0,11	0,00	1,0000	64
1	0,31	2	0,31	0,00	0,07	0,00	1,0000	67
2	0,31	1	0,31	0,00	0,07	0,00	1,0000	67
1	-0,29	2	-0,08	-0,21	0,08	-2,56	0,0108	72
2	-0,08	1	-0,29	0,21	0,08	2,56	0,0108	72
1	0,38	2	0,46	-0,08	0,07	-1,22	0,2244	80
2	0,46	1	0,38	0,08	0,07	1,22	0,2244	80
1	-0,53	2	-0,72	0,19	0,10	1,81	0,0718	83
2	-0,72	1	-0,53	-0,19	0,10	-1,81	0,0718	83
1	-0,33	2	-0,48	0,15	0,09	1,60	0,1105	85
2	-0,48	1	-0,33	-0,15	0,09	-1,60	0,1105	85
1	0,12	2	0,12	0,00	0,07	0,00	1,0000	91
2	0,12	1	0,12	0,00	0,07	0,00	1,0000	91
1	0,24	2	0,29	-0,06	0,07	-0,81	0,4166	101
2	0,29	1	0,24	0,06	0,07	0,81	0,4166	101
1	0,29	2	0,42	-0,12	0,07	-1,89	0,0595	103
2	0,42	1	0,29	0,12	0,07	1,89	0,0595	103
1	0,57	2	0,50	0,07	0,06	1,05	0,2944	112
2	0,50	1	0,57	-0,07	0,06	-1,05	0,2944	112
1	-0,09	2	-0,07	-0,02	0,08	-0,30	0,7642	114
2	-0,07	1	-0,09	0,02	0,08	0,30	0,7642	114
1	0,23	2	0,28	-0,05	0,07	-0,71	0,4809	116
2	0,28	1	0,23	0,05	0,07	0,71	0,4809	116
1	-0,18	2	-0,30	0,12	0,08	1,41	0,1592	122
2	-0,30	1	-0,18	-0,12	0,08	-1,41	0,1592	122

Nota. Theta 1 = theta do primeiro grupo comparado com o theta do segundo grupo; Theta 2 = theta do segundo grupo comparado com o theta do primeiro grupo; E.P. = erro padrão.

Tabela 2.5.

Verificação de DIF para itens de Abertura

Grupo	Theta 1	Grupo	Theta 2	Diferença DIF	E.P.	t	p	Item
1	0,35	2	0,35	0,00	0,06	0,00	1,0000	1
2	0,35	1	0,35	0,00	0,06	0,00	1,0000	1
1	-0,18	2	-0,33	0,15	0,06	2,38	0,0176	6
2	-0,33	1	-0,18	-0,15	0,06	-2,38	0,0176	6
1	-0,01	2	-0,01	0,00	0,06	0,00	1,0000	23
2	-0,01	1	-0,01	0,00	0,06	0,00	1,0000	23
1	-0,04	2	0,01	-0,05	0,06	-0,85	0,3950	31
2	0,01	1	-0,04	0,05	0,06	0,85	0,3950	31
1	-0,06	2	-0,15	0,09	0,06	1,53	0,1269	33
2	-0,15	1	-0,06	-0,09	0,06	-1,53	0,1269	33
1	0,06	2	0,15	-0,09	0,06	-1,64	0,1013	36
2	0,15	1	0,06	0,09	0,06	1,64	0,1013	36
1	-0,19	2	-0,19	0,00	0,06	0,00	1,0000	42
2	-0,19	1	-0,19	0,00	0,06	0,00	1,0000	42
1	0,53	2	0,53	0,00	0,06	0,00	1,0000	44
2	0,53	1	0,53	0,00	0,06	0,00	1,0000	44
1	-0,62	2	-0,83	0,21	0,09	2,40	0,0166	49
2	-0,83	1	-0,62	-0,21	0,09	-2,40	0,0166	49
1	-0,21	2	-0,21	0,00	0,06	0,00	1,0000	53
2	-0,21	1	-0,21	0,00	0,06	0,00	1,0000	53
1	-0,03	2	-0,03	0,00	0,06	0,00	1,0000	56
2	-0,03	1	-0,03	0,00	0,06	0,00	1,0000	56
1	0,18	2	0,18	0,00	0,06	0,00	1,0000	59
2	0,18	1	0,18	0,00	0,06	0,00	1,0000	59
1	-0,51	2	-0,45	-0,06	0,07	-0,88	0,3777	62
2	-0,45	1	-0,51	0,06	0,07	0,88	0,3777	62
1	-0,09	2	-0,09	0,00	0,06	0,00	1,0000	69
2	-0,09	1	-0,09	0,00	0,06	0,00	1,0000	69
1	0,08	2	0,08	0,00	0,06	0,00	1,0000	74
2	0,08	1	0,08	0,00	0,06	0,00	1,0000	74
1	0,08	2	0,24	-0,16	0,06	-2,87	0,0043	81
2	0,24	1	0,08	0,16	0,06	2,87	0,0043	81
1	0,32	2	0,27	0,05	0,06	0,93	0,3539	84
2	0,27	1	0,32	-0,05	0,06	-0,93	0,3539	84
1	0,49	2	0,49	0,00	0,06	0,00	1,0000	88
2	0,49	1	0,49	0,00	0,06	0,00	1,0000	88
1	0,32	2	0,23	0,08	0,06	1,50	0,1336	94
2	0,23	1	0,32	-0,08	0,06	-1,50	0,1336	94
1	0,20	2	0,26	-0,06	0,06	-1,11	0,2694	113
2	0,26	1	0,20	0,06	0,06	1,11	0,2694	113
1	-0,22	2	-0,22	0,00	0,06	0,00	1,0000	115
2	-0,22	1	-0,22	0,00	0,06	0,00	1,0000	115

continua

Grupo	Theta 1	Grupo	Theta 2	Diferença DIF	E.P.	t	p	Item
1	0,23	2	0,23	0,00	0,06	0,00	1,0000	123
2	0,23	1	0,23	0,00	0,06	0,00	1,0000	123
1	-0,54	2	-0,62	0,08	0,08	0,98	0,3265	126
2	-0,62	1	-0,54	-0,08	0,08	-0,98	0,3265	126

Nota. Theta 1 = theta do primeiro grupo comparado com o theta do segundo grupo; Theta 2 = theta do segundo grupo comparado com o theta do primeiro grupo; E.P. = erro padrão.

Nossa verificação indicou a presença de DIF em nove itens da BFP, equivalente a aproximadamente 7% do total de itens. Os itens com DIF estão pulverizados nas diferentes dimensões da BFP, sendo que nenhuma dimensão apresentou um número superior a quatro itens com DIF. A manifestação de DIF para BFP pode ser desprezada, já que somente um número muito pequeno de itens apresentou esse fenômeno. Apesar disso, nós testamos se o pequeno grupo de itens com DIF poderia trazer algum impacto para normas estabelecidas diferentemente para os dois grupos testados para DIF. A Tabela 2.6 apresenta as normas para os dois grupos.

Tal qual esperado pelos resultados do DIF, as diferenças encontradas para normas nos dois grupos (lápis e papel, informatizado) em relação a amostra total (i.e., sem separação por grupos), foram mínimas, sempre iguais ou menores

a 0,2. Isso indica que, utilizar normas específicas ou geral não deve apresentar impactos em termos interpretativos. Isso dito, devemos notar que (a) aqui foram utilizados dois grupos com tamanho amostral pequeno para estabelecimento de normas, o que deve tornar os escores mais instáveis, e (b) Socialização não apresentou menores diferenças em relação aos demais escores. Esses dois pontos fortalecem a indicação de equivalência entre as formas lápis e papel e informatizada.

Nossa conclusão a partir das evidências empíricas encontradas e apresentadas convergem para atestar a equivalência entre as formas lápis e papel e informatizada da BFP. Portanto, a BFP pode ser aplicada nessas formas a partir do uso do mesmo grupo normativo para estabelecimento das normas dos escores.

Tabela 2.6.

Verificação do DIF nos escores normatizados da BFP nos grupos para testagem da equivalência

Fator	Aplicação	Percentil				
		0 - 14	15 - 29	30 - 70	71 - 85	86 - 100
Neuroticismo	Total	0 - 1,8	1,9 - 2,1	2,2 - 3,3	3,4 - 3,9	4,0 - 7
	Lápis e papel	0 - 1,8	1,9 - 2,2	2,3 - 3,5	3,6 - 4,1	4,3 - 7
	Informatizada	0 - 1,7	1,8 - 2,1	2,2 - 3,1	3,2 - 3,7	3,8 - 7
Extroversão	Total	0 - 3,6	3,7 - 4,0	4,1 - 4,8	4,9 - 5,2	5,3 - 7
	Lápis e papel	0 - 3,4	3,5 - 3,9	4,0 - 4,8	4,9 - 5,1	5,2 - 7
	Informatizada	0 - 3,5	3,6 - 4,1	4,2 - 4,8	4,9 - 5,3	5,4 - 7
Socialização	Total	0 - 4,8	4,9 - 5,2	5,3 - 5,8	5,9 - 6,1	6,2 - 7
	Lápis e papel	0 - 4,7	4,8 - 5,1	5,2 - 5,9	6,0 - 6,1	6,2 - 7
	Informatizada	0 - 4,9	5,0 - 5,3	5,4 - 5,8	5,9 - 6,1	6,2 - 7
Realização	Total	0 - 4,5	4,6 - 4,9	5,0 - 5,7	5,8 - 6,0	6,1 - 7
	Lápis e papel	0 - 4,4	4,5 - 4,8	4,9 - 5,6	5,7 - 6,0	6,1 - 7
	Informatizada	0 - 4,6	4,7 - 5,0	5,1 - 5,7	5,8 - 6,1	6,2 - 7
Abertura	Total	0 - 3,8	3,9 - 4,1	4,2 - 4,9	5,0 - 5,2	5,3 - 7
	Lápis e papel	0 - 3,9	4,0 - 4,1	4,2 - 4,9	5,0 - 5,3	5,4 - 7
	Informatizada	0 - 3,7	3,8 - 4,1	4,2 - 4,8	4,9 - 5,1	5,2 - 7

3

Informações gerais para interpretação dos escores da BFP

Nesta seção, há informações oriundas de pesquisas realizadas até o momento utilizando a BFP, bem como resultados de pesquisas internacionais com instrumentos construídos para avaliar a personalidade a partir do modelo dos CGF. No Brasil, além das pesquisas citadas neste manual, projetos estão sendo realizados com a BFP em vários contextos e seus resultados serão divulgados na literatura científica da área.

Serão apresentadas as informações necessárias para a interpretação dos resultados da BFP a partir do sistema com referência à norma, ou seja, comparando os resultados dos indivíduos com grupos de pessoas com características semelhantes. É apresentada ainda neste manual uma seção que descreve o processo de interpretação com referência aos itens. Nessa abordagem, a partir do resultado de uma pessoa, é possível verificar qual é o padrão de respostas mais provável a ela e, então, a interpretação é proposta com base nas características e nos conteúdos avaliados pelos itens.

Os resultados gerais dos fatores da BFP podem ser úteis em contextos de pesquisa, nos quais são verificadas suas associações com outras medidas. No entanto, em contextos clínicos, de seleção de pessoal, escolar, em aplicações de triagem de grupo de risco, entre outros, é recomendada a avaliação dos resultados das subescalas da BFP, junto aos dados levantados por outras fontes no processo de avaliação psicológica. É importante lembrar que o resultado de qualquer subescala da BFP não deve ser utilizado como fonte única de informações para a realização de diagnósticos.

Para que o psicólogo tenha maior nível de detalhamento das informações para gerar interpretações dos resultados da BFP, são recomendadas a leitura das respostas dadas aos itens do teste e a comparação delas às informações oriundas de entrevistas, observações, outros testes psicológicos, conforme as orientações na literatura especializada sobre o processo de avaliação psicológica (AERA, APA & NCME,

1999; Anastasi & Urbina, 2000; Cunha, 2000; Pasquali, 2001; Urbina, 2007).

Os resultados das subescalas da BFP devem ser entendidos como a intensidade dos traços avaliados por elas. Para facilitar a explicação das possíveis interpretações das subescalas, são indicados os significados de escores extremos, que raramente são encontrados na população geral. Assim, deve-se entender que quanto menor for o escore de uma pessoa em uma subescala, maior é a chance de ela apresentar os comportamentos, as crenças e atitudes descritos para resultados baixos. Em nenhuma situação, por mais alto ou baixo que seja o resultado encontrado, é correto afirmar que uma pessoa “tem” uma dada característica ou que “certamente” irá se comportar de tal forma. A BFP, como qualquer teste de personalidade, permite identificar **tendências** de comportamentos, bem como padrões mais prováveis de atitudes e crenças.

Para facilitar a interpretação dos resultados descritos, estes serão apresentados por faixas, conforme a Tabela 3.1.

Tabela 3.1.
Faixas de Classificação dos Percentis

Pontos Percentílicos	Faixa
Até 14	Muito Baixo
15 – 29	Baixo
30 – 70	Médio
71 – 85	Alto
Maior que 85	Muito Alto

A interpretação dos resultados dos fatores da BFP deve ser feita com cuidado, uma vez que um mesmo resultado pode ser obtido a partir de diferentes combinações dos subfatores. É importante notar que escores gerais extremos frequentemente significam escores extremos e coerentes nos subfatores. Assim, é muito provável que uma pessoa que

apresente um escore geral muito alto também tenha níveis elevados nos subfatores.

Quando é feita a análise dos resultados da BFP, escores baixos ou altos não representam, necessariamente, um padrão desadaptado da personalidade. É necessário analisar o contexto em que a pessoa vive, quais são as suas atividades e, principalmente, se as suas características as impedem de realizar algum plano pessoal ou profissional, se geram algum prejuízo na qualidade das suas interações sociais ou se prejudicam outras pessoas.

McCrae (1994) argumenta a favor do uso de escalas para avaliação da personalidade, junto com o relato de observadores externos, como uma forma de se obter mais informações sobre a personalidade do cliente do que seria possível

obter utilizando isoladamente apenas uma das formas de avaliação. O autor defende que as discrepâncias entre as duas formas de avaliação não devem ser consideradas como “erros” de avaliação, mas sim que as duas formas são válidas, apesar de apresentarem informações distintas. O trabalho do psicólogo, nesses casos, envolveria descobrir por que essas diferenças se apresentam e não invalidar uma das fontes de informação. A investigação do psicólogo, nessas situações, deve se voltar para descobrir por que ocorre uma discrepância entre a autopercepção e a percepção que outras pessoas têm desse indivíduo que está sendo avaliado. A possível diferença entre o autorrelato de traços de personalidade e o relato de terceiros pode existir devido às diferentes perspectivas sobre o indivíduo, quantidades e tipos de exposição, além de distintos vieses de observação.

Referências

- Al-Amri, S. (2007). Computer-based vs. Paper-based Testing: Does the test administration mode matter? Proceedings of the BAAL Conference, 101-110.
- Allen, T. A., & DeYoung, C. G. (2017). Personality neuroscience and the five factor model. In T. A. Widiger (ed.), *The Oxford handbook of the five factor model* (pp. 319-350).
- Allik, J., & Realo, A. (2017). Universal and specific in the five factor model of personality. In T. A. Widiger (ed.), *The Oxford handbook of the five factor model* (pp. 173-190).
- American Educational Research Association, American Psychological Association, National Council on Measurement in Education. (1999). *Standards for Educational and psychological testing*. Washington, DC: Author.
- Anastasi, A., & Urbina, S. (2000). *Testagem Psicológica* (7a ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ávila, L. M., & Stein, L. M. (2006). A Influência do Traço de Personalidade Neuroticismo na Suscetibilidade às Falsas Memórias. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(3), 339-346. doi: 10.1590/S0102-37722006000300011
- Bagby, R. M., Gralnick, T. M., Al-Dajani, N., & Uliaszek, A. A. (2016). The role of the five-factor model in personality assessment and treatment planning. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 23(4), 365.
- Bernet, W., & Greenhill, L. L. (2022). The Five-Factor Model for the Diagnosis of Parental Alienation. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 61(5), 591-594. <https://doi.org/10.1016/j.jaac.2021.11.026>
- Biskin, B. H., & Kolotkin, R. L. (1977). Effects of Computerized Administration on Scores on the Minnesota Multiphasic Personality Inventory. *Applied Psychological Measurement*, 1 (4), 543-549.
- Bozionelos, N. (2004). The big five of personality and work involvement. *Journal of Managerial Psychology*, 19, 69-81. doi: 10.1108/02683940410520664
- Bucher, M. A., Suzuki, T., & Samuel, D. B. (2019). A meta-analytic review of personality traits and their associations with mental health treatment outcomes. *Clinical psychology review*, 70, 51-63.
- Cassito, M. G., Fattorini, E., Gilioli, R., Rengo, C., & Gonik, V. (2003). *Raising awareness of Psychological Harrassment at Work*. Protecting Worker's Health Series, 4.
- Cooper, M. L., Agocha, V. B., & Sheldon, M. S. (2000). A motivational perspective on risky behaviors: the role of personality and affect regulatory processes. *Journal of Personality*, 68(6), 1059-1088. doi: 10.1111/1467-6494.00126
- Cortina, J. M. (1993). What is coefficient alpha? An examination of theory and applications. *Journal of Applied Psychology*, 78(1), 98-104.
- Cunha, J. A. (2000). *Psicodiagnóstico V* (5a ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Draba, R. E. (1977). The identification and interpretation of item bias. Research Memorandum, (25).
- Friborg, O., Barlaug, D., Martinussen, M., Rosenvinge, J. H., & Hjemdal, O. (2005). Resilience in relation to personality and intelligence. *International Journal of Methods in Psychiatric Research*, 14(1), 29-42. doi: 10.1002/mpr.15
- Ghorbani, N., & Watson, P. J. (2005). Hardiness scales in Iranian managers: evidence of incremental validity in relationships with the five factor model and with organizational and psychological adjustment. *Psychological Reports*, 96(3 Pt 1), 775-781. doi: 10.2466/PRO.96.3.775-781
- Hutz, C. S., & Nunes, C. H. S. S. (2001). *Escala Fatorial de Neuroticismo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Jain, U., Blais, M. A., Otto, M. W., Hirshfeld, D. R., & Sachs, G. S. (1999). Five-factor personality traits in patients with seasonal depression: treatment effects and comparisons with bipolar patients. *Journal of Affective Disorders*, 55(1), 51-54. doi: 10.1016/S0165-0327(98)00206-7
- Joly, M. C. A. J., Nunes, C. H. S. S., & Istome, A. C. (2007). Desempenho em Tecnologia e Traços de Personalidade: estudo de validade com universitários. *Psic*, 205-214.
- Laak, J., Goede, M., Aleva, L., Brugman, G., van Leuven, M., & Hussmann, J. (2003). Incarcerated adolescent girls: personality, social competence, and delinquency. *Adolescence*, 38(150), 251-265.
- Linacre, J. (2011). *A user's guide to Winsteps Rasch Model computer programs*. Chicago, Winsteps, 1-489.
- Linacre, J. M. (2011). *Winsteps Rasch measurement computer program user's guide*. Beaverton, OR: Winsteps.com.

- Luchetti, M., Barkley, J. M., Stephan, Y., Terracciano, A., & Sutin, A. R. (2014). Five-factor model personality traits and inflammatory markers: New data and a meta-analysis. *Psychoneuroendocrinology*, 50, 181-193.
- Maciel, M. J. N., & Yoshida, E. M. P. (2006). Avaliação de alexitimia, neuroticismo e depressão em dependentes de álcool. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 5(1), 43-54.
- Maciel, M. J. N., & Yoshida, E. M. P. (2006). Avaliação de alexitimia, neuroticismo e depressão em dependentes de álcool. *Avaliação Psicológica*, 5(1), 43-54.
- Martincin, K. M., & Stead, G. B. (2015). Five-factor model and difficulties in career decision making: A meta-analysis. *Journal of Career Assessment*, 23(1), 3-19.
- McCrae, R. R. (1987). Creativity, divergent thinking, and openness to experience. *Journal of Personality and Social Psychology*, 2, 823-830.
- McCrae, R. R. (1994). The counterpoint of personality assessment: self reports and observer ratings. *Assessment*, 1(2), 159-172. doi: 10.1177/1073191194001002006
- McKenzie, J. (1998). Fundamental flaws in the five factor model: A re-analysis of the seminal correlation matrix from which the "openness-to-experience" factor was extracted. *Personality and Individual Differences*, 24(4), 475-480.
- McKenzie, J. (1998). Fundamental flaws in the five factor model: A re-analysis of the seminal correlation matrix from which the "openness-to-experience" factor was extracted. *Personality and Individual Differences*, 24(4), 475-480.
- Nunes, C. H. S. S., & Hutz, C. S. (2006). Construção e Validação da Escala Fatorial de Extroversão no Modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade. *Psico-USF*, 11(2).
- Nunes, C. H. S. S., & Hutz, C. S. (2007a). *Escala Fatorial de Extroversão: Manual Técnico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Nunes, C. H. S. S., & Hutz, C. S. (2007b). *Escala Fatorial de Socialização: Manual Técnico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Nunnally, J. C., & Bernstein, I. H. (1994). *Psychometric theory* (3rd ed.). McGraw-Hill.
- Ohi, K., Shimada, T., Nitta, Y., Kihara, H., Okubo, H., Uehara, T., & Kawasaki, Y. (2016). The Five-Factor Model personality traits in schizophrenia: a meta-analysis. *Psychiatry research*, 240, 34-41.
- Pasquali, L. (2001). *Técnicas de Exame Psicológico TEP: manual*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo; Conselho Federal de Psicologia.
- Pinsonneault, T. B. (1996). Equivalency of computer-assisted and paper-and-pencil administered versions of the Minnesota Multiphasic Personality Inventory-2. *Computers in Human Behavior*, 12 (2), 291-300.
- Ratchford, J. L., Ming, M. S., & Schnitker, S. A. (2022). Personality profiles differentially predict well-being at the facet level: A latent profile analysis of the five factor model facets. *Personality and Individual Differences*, 196, 111700.
- Relatório de processo de avaliação psicológica voltada para orientação profissional com alunos do Ensino Médio (Relatório técnico não publicado).
- Richamn, W. L., Kiesler, S., Weisband, S., & Drasgow, F. (1999). A meta-analytic study of social desirability distortion in computer-administered questionnaires, traditional questionnaires, and interviews. *Journal of Applied Psychology*, 84 (5), 754-775.
- Ross, S. R., Rausch, M. K., & Canada, K. E. (2003). Competition and cooperation in the five-factor model: Individual differences in achievement orientation. *The Journal of Psychology*, 137(4), 323-337.
- Saito, T., Nakamura, T., & Endo, T. (2005). Big five personality factors related to face recognition. *Shinrigaku Kenkyu*, 75(6), 517-522.
- Samuel, D. B., & Widiger, T. A. (2006). Clinicians' judgments of clinical utility: a comparison of the DSM-IV and five-factor models. *Journal of Abnormal Psychology*, 115(2), 298-308. doi: 10.1037/0021-843X.115.2.298
- Sutin, A. R., Stephan, Y., Luchetti, M., Artese, A., Oshio, A., & Terracciano, A. (2016). The five-factor model of personality and physical inactivity: A meta-analysis of 16 samples. *Journal of research in personality*, 63, 22-28.
- Urbina, S. (2007). *Fundamentos da Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Urbina, S. (2007). *Essentials of psychological testing*. John Wiley & Sons.
- Vispoel, W. P. (2000). Computerized versus paper- and-pencil assessment of self-concept: Score comparability and respondent preferences. *Measurement and Evaluation in Counseling and Development*, 33 (3), 130.
- Vispoel, W. P., Boo, J., & Bleiler, T. (2001). Computerized and Paper-and-Pencil Versions of the Rosenberg Self-Esteem Scale: A Comparison of Psychometric Features and Respondent Preferences. *Educational and Psychological Measurement*, 61 (3), 461-474.
- Vosylis, R., Malinauskienė, O., & Zukauskienė, R. (2012). Comparison of internet-based versus paper-and-pencil administered assessment of positive development indicators in adolescents' sample. *Psichologija*, 02, 07-21.
- Widiger, T. A., & Crego, C. (2019). The Five Factor Model of personality structure: an update. *World Psychiatry*, 18(3), 271.
- Widiger, T. A., & Frances, A. J. (2002). Toward a dimensional model for the personality disorders. In P. T. Costa & T. A. Widiger (Eds.), *Personality Disorders and the Five-Factor Model of Personality* (2 ed., pp. 23-44). Washington, DC: American Psychological Association.
- Widiger, T. A., Trull, T. J., Clarkin, J. F., Sanderson, C., & Costa, P. T. (2002). A description of the DSM-IV personality disorders with the five-factor model of personality. In P. T. Costa & T. A. Widiger (Eds.), *Personality Disorders and the Five-Factor Model of Personality* (2 ed., pp. 89-102). Washington, DC: American Psychological Association.
- Yoshida, E. M. P. (2006). Validade da versão em português da Toronto Alexithymia Scale-TAS para população clínica. (manuscrito submetido para publicação).
- Yoshida, E. M. P. (2006). Validade de critério da versão em português da Toronto Alexithymia Scale-TAS para população clínica. *Avaliação Psicológica*, 5(2), 235-238.

Hogrefe Publishing Group

Göttingen · Berne · Vienna · Oxford · Paris
Boston · Amsterdam · Prague · Florence
Copenhagen · Stockholm · Helsinki · Oslo
Madrid · Barcelona · Seville · Bilbao
Zaragoza · São Paulo · Lisbon
Bogotá · Monterrey · Guadalajara
Mexico City

www.hogrefe.com

ISBN 978-6-5507-2204-3



